

OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA PARA CRIANÇAS COM AUTISMO

DOI: 10.5281/zenodo.18716192

Murillo da Costa Falcão¹

Rosangela Parga de Oliveira¹

Mirilly de Souza Ferreira Obeng-Bioh¹

RESUMO: O objetivo desta pesquisa foi analisar alguns desafios educacionais da inclusão de crianças com autismo na sala de aula regular. Como questão norteadora, busca-se responder às seguintes questões: Quais são os desafios de integrar crianças com autismo nas escolas? Qual é o papel do professor neste processo de integração? Acredita-se que eles devam receber atenção para terem uma rica experiência de aprendizagem, portanto os professores devem se renovar com programas que os sensibilizem e os preparem para aplicar orientações educacionais adequadas. A presente pesquisa foi desenvolvida com base nos resultados da análise dos autores consultados, tendo em conta três elementos: a interação social, a comunicação e a imaginação, bem como o contexto, o ajustamento curricular e o desenvolvimento de estratégias como guia para os professores. Concluiu-se que, além de desenvolver medidas políticas e legais para legitimar os direitos das pessoas autistas, é necessário também conscientizar os professores sobre a importância do tema inclusão para poderem adquirir mais conhecimentos para a realização do seu trabalho, levando em conta o direito das pessoas autistas. Desenvolver potenciais inovações estratégicas em um ambiente harmonioso, considerando suas necessidades e velocidade de aprendizado.

Palavras-chave: Autismo, Inclusão, Desafios.

ABSTRACT: The objective of this research was to analyze some educational challenges of including children with autism in the regular classroom. As a guiding question, we seek to answer the following questions: What are the challenges of integrating children with autism in schools? What is the role of the teacher in this integration process? It is believed that they must receive attention so that they have a rich learning experience, therefore teachers must renew themselves with programs that sensitize them and prepare them to apply appropriate educational guidelines. This research was developed based on the results of the analysis of the authors consulted, taking into account three elements: social interaction, communication and imagination, as well as the context, curricular adjustment and the development of strategies as a guide for teachers. It was concluded that, in addition to developing political and legal measures to legitimize the rights of autistic people, it is also necessary to raise awareness among teachers about the importance of the topic of inclusion so that they can acquire more knowledge to carry out their work, taking into account the right of autistic people. Develop potential strategic innovations in a harmonious environment, considering your needs and learning speed.

Keywords: Autism, Inclusion, Challenges

¹ Pesquisadores de temáticas educacionais.

INTRODUÇÃO

Sabe-se que intervenções educacionais apropriadas são críticas para melhorar a qualidade de vida das pessoas com autismo. Portanto, desde os primeiros estágios, é essencial fornecer orientação e planejamento adequados para promover um espaço adequado de aprendizagem. A inclusão de crianças com esta condição nas escolas apresenta novos desafios para os professores, que devem desenvolver práticas que correspondam às necessidades específicas de aprendizagem dos alunos dentro de um quadro curricular e organizacional nem sempre flexível em estrutura e conteúdo. Às vezes, se o progresso e as recompensas não atendem às suas expectativas, a atitude positiva inicial pode se deteriorar, fazendo com que se sintam malsucedidos ou mesmo frustrados (ORRÚ, 2011).

A escola visa promover processos inclusivos a partir dos aspectos cognitivos, sociais, emocionais e comunicativos dessa população. Segundo Menezes (2012), a instituição escolar caracteriza-se por limitações no trabalho sistemático e de ligação entre os diferentes subsistemas, por não responder a uma política de integração empenhada, pelo que as escolas não se comprometem a atingir objetivos específicos na responsabilidade de agir no interesse das pessoas com autismo, nem estão preparadas para assumir a responsabilidade de educar as pessoas com o transtorno.

Uma pesquisa realizada por Cunha (2011) afirma que as experiências de inclusão produzem momentos de frustração, incompetência, ansiedade e culpa nos professores quando se observa que os resultados esperados não são obtidos nas avaliações, como também no desenvolvimento das crianças, no saber fazer, como fazer e o que dizer. Outro estudo de Chiote (2013) concluiu que, apesar de alguma sensibilidade, sabe-se que os professores evitam atender alunos com autismo. Para Mantoan (2016), as políticas de educação inclusiva funcionam melhor quando os professores se tornam profissionais mais reflexivos e críticos, capazes de trabalhar juntos e investigar ativamente aspectos de sua prática para melhorá-la.

Em outras palavras, os professores devem ter um currículo atualizado para aguçar sua sensibilidade e prepará-los para aplicar as diretrizes educacionais adequadas;

assim, a dor e a frustração têm mais chances de serem substituídas por empatia, solidariedade e amor. Dessa forma, é evidente a colaboração dos grupos familiares e seu compromisso com o planejamento, assim como o governo nacional e a aplicação de políticas claras de inclusão.

O objetivo geral foi analisar alguns dos desafios educacionais da inclusão de crianças com autismo na sala de aula regular. Este trabalho partiu das seguintes questões: Quais são os desafios de integrar crianças com autismo nas escolas? Qual é o papel do professor neste processo de integração?

Primeiro, uma breve discussão sobre os principais sintomas do autismo; depois, a atenção educacional individual às crianças com autismo refere-se aos aspectos da escolaridade necessários para realizar um trabalho que os beneficie como seres sociais. A seguir, será analisado um conjunto de diretrizes educacionais baseadas nas contribuições de autores consultores. O método utilizado foi um levantamento bibliográfico sobre a inclusão de crianças com autismo.

METODOLOGIA

O aporte metodológico do presente estudo fundamenta-se em GIL (2002), parte de uma abordagem qualitativa, realizada em três etapas. Na primeira, desenvolvemos um arcabouço teórico por meio de um levantamento bibliográfico. Esta pesquisa foi realizada mediante um levantamento bibliográfico, sendo utilizados livros relacionados à matéria, artigos, revistas e consultas em sites específicos da internet para se entender a grande relevância sobre a atuação e os desafios educativos para a inclusão de crianças com autismo no contexto escolar.

DESENVOLVIMENTO

O Transtorno do Espectro Autista.

Segundo Cunha (2011), no início do século XX, exatamente em 1911, o psiquiatra Eugene Bleuler já aplicava o conceito de autismo a pacientes com comunicação

prejudicada, interação social e atividades repetitivas limitadas. Em 1943, o psiquiatra Leo Kanner publicou uma pesquisa sobre crianças que não conseguiam se dar bem com outras pessoas, tinham atraso no desenvolvimento da fala e tinham dificuldades motoras. Ele observou o surgimento do autismo de contato emocional e descreveu o autismo como um distúrbio que ocorre nos primeiros anos de vida de uma criança. Em 1944, o pediatra Hans Asperger escreveu um artigo descrevendo o comportamento de crianças de três anos, cujo comportamento era semelhante ao descrito por Kanner, mas enfatizou que observou as crianças que vêm aqui têm inteligência superalta, capacidade lógica e interesses excêntricos.

Teixeira (2016) acredita que a psiquiatra infantil Dra. Lorna Wing analisa o transtorno do espectro do autismo (TEA) sob três aspectos: comprometimento social, comprometimento da linguagem verbal e não verbal e comportamento repetitivo ou estereotipado. O estudo é chamado de "Wing Triad". As pessoas com autismo têm déficits de comunicação e interação social, comportamentos repetitivos, interesses e atividades e padrões restritos. Os sintomas aparecem no início do desenvolvimento da criança. A comunicação em crianças com TEA é classificada em três níveis de gravidade:

Nível 1 - Necessita de Suporte: A criança tem dificuldade de interagir socialmente sem suporte.

Nível 2 - Apoio significativo necessário: A criança tem dificuldade em se comunicar verbalmente e não verbalmente e não é bem-sucedida mesmo quando a iniciativa vem de outras pessoas.

Nível 3 - Apoio muito intenso necessário: A criança tem dificuldade em se comunicar verbalmente e não verbalmente, e o funcionamento é prejudicado. Conforme articulado no DSM-5 (2014), tem limitações para iniciar interações sociais. A abstração e a codificação são necessárias para a comunicação social, mas as crianças com TEA se comunicam literalmente, sem símbolos, o que prejudica suas interações sociais, mesmo no nível 1.

Para Cunha (2011), crianças pequenas com TEA apresentam déficits na capacidade de se relacionar com os outros e compartilhar pensamentos e sentimentos, podem exibir pouca ou nenhuma imitação dos outros e pouca ou nenhuma capacidade de iniciar interações sociais e compartilhar emoções. Portanto, mesmo que uma criança com autismo fale de maneira regular e tenha inteligência normal ou acima do normal, ela pode ter dificuldades de comunicação social, interação voluntária e mobilidade.

Os autores enfatizam que uma criança com TEA não-verbal usa pouco ou atipicamente, ou nenhum, contato visual, gestos, expressões faciais, direção do corpo ou tom de voz em relação às pessoas em sua cultura. Enquanto uma criança típica durante o desenvolvimento da linguagem tende a olhar para o outro e apontar o que deseja, uma criança com TEA não aponta, mas usa o braço ou a mão de outra pessoa como ferramenta para conseguir o que deseja.

Segundo a The Small Hypothesis e Kuczanski, o autor ainda relata que Baron-Cohen e Frith propõem uma teoria da cognição, também conhecida como teoria da mente, incluindo a incapacidade de crianças autistas de entender os estados mentais de outras pessoas, como dificuldade em perceber as crenças de outra pessoa, intenções, emoções e conceitos. No entanto, crianças com autismo podem apresentar déficits na função executiva, o que pode levar à inflexibilidade mental e dificuldade em manter atenção direcionada, planejamento estratégico e raciocínio (ASSUMPÇÃO JÚNIOR, KUCZYNSKI, 2015).

Crianças com transtorno do espectro do autismo podem exibir assinaturas sensoriais irregulares. Eles podem ser insensíveis ou hipersensíveis a estímulos visuais, olfativos, auditivos, gustativos e táteis, o que pode explicar a resposta de crianças com TEA de ignorar estímulos visuais, pessoas e objetos e focar em detalhes em objetos, luzes ou mãos. Rodrigues e Spencer (2010) destacaram que essas crianças podem oscilar na sensibilidade à dor e temperatura, apresentar irritabilidade a diferentes texturas e contato físico, ter preferências por sabores ou comer rapidamente sem discriminar sabores.

Os desafios da educação inclusiva com crianças autistas.

A escola aceita uma criança com dificuldades de relacionamento, seguindo regras sociais e se adaptando a um novo ambiente. Esse comportamento pode ser rapidamente confundido com falta de educação e restrições. E, por falta de conhecimento, alguns educadores não sabem identificar e reconhecer as características dos indivíduos com autismo, principalmente aqueles de alto funcionamento e baixo grau de comprometimento. Os profissionais da educação são pouco preparados para lidar com crianças com autismo, e a falta de bibliografia adequada dificulta a obtenção de informações na área. (Santos, 2008).

Santos (2008) observou que a escola desempenha um papel importante nas investigações diagnósticas, pois é o primeiro local onde as crianças separadas de suas famílias interagem socialmente. É aqui que a criança tem mais dificuldade em se encaixar nas regras da sociedade – e isso pode ser muito difícil para pessoas com autismo.

Os alunos que usam o TEA podem aprender. Estas são as primeiras ideias que gostaríamos de enfatizar neste breve texto. Aprender é uma característica do ser humano. Ensinar e aprender são dois movimentos inter-relacionados na construção do conhecimento. É uma construção conversacional e não interpretativa, uma expressão interior da nossa humanidade, que também inclui alunos com autismo (Cunha, 2016).

Pessoas com autismo experimentam uma série de dificuldades para entrar em escolas formais. Essas dificuldades passaram a fazer parte do trabalho diário dos professores e das escolas na totalidade. Uma forma de aumentar a resiliência e, assim, reduzir essas surpresas para as crianças e facilitar seu aprendizado é adaptar o currículo.

Segundo Valle e Maia (2010), afirmam que a adaptação curricular é definida como “um conjunto de modificações nos objetivos, conteúdos, padrões e procedimentos de avaliação, atividades e métodos para acomodar as diferenças individuais dos alunos”.

O objetivo da adequação curricular é permitir um acesso mais flexível às diretrizes estabelecidas pelo currículo regular, não para desenvolver uma nova proposta curricular, mas para estabelecer um currículo dinâmico, variável e expansível que atenda verdadeiramente a todos os alunos. Isso é facilmente alcançado quando as escolas contam com profissionais da sala de recursos para auxiliar no planejamento das ações instrucionais e do que os alunos devem aprender (Valle; Maia, 2010).

A teoria que descreve amplamente como as crianças com autismo aprendem é a teoria da observação, e Silva (2012) identificou quatro elementos importantes da aprendizagem observacional: atenção, retenção de informações ou impressões, geração de comportamento e motivação para repetir o comportamento. O único requisito para a aprendizagem pode ser que uma pessoa observe outra pessoa ou modelo realizar um determinado comportamento.

O comportamento se desenvolve não apenas pelo que o indivíduo aprende diretamente por meio do condicionamento operante e clássico, mas também pelo que ele aprende indiretamente por meio da observação e representação simbólica de outras pessoas e situações (SILVA, 2012). Isso porque as crianças com autismo, independentemente de suas características individuais, percebem o mundo de maneira diferente e processam as informações recebidas do ambiente externo de maneira diferente. Compreender isso é fundamental para qualquer programa de trabalho voltado para eles, buscando sempre utilizar essas características para ensiná-los de forma eficaz (BANDIM, 2011).

Na visão de Cunha (2015), a psicologia do desenvolvimento infantil normal é a base mais eficaz para alcançar esses objetivos hoje. Portanto, pesquisas descritivas e interpretativas sobre como crianças normais constroem conhecimento social em suas interações com os outros são obrigatórias para aqueles que devem planejar intervenções por meio de orientações instrucionais para alunos com autismo.

As intervenções educativas devem ser abordadas numa perspectiva inclusiva, visando aumentar a participação de todos os alunos com autismo e reduzir a sua exclusão da cultura, do currículo e da vida escolar. Para isso, além de enfatizar a superação das barreiras de acesso e participação, é imprescindível mudar as práticas por meio de processos aprimorados. Além disso, a diversidade não é vista como um problema a ser resolvido, mas como um bem que sustenta o aprendizado de todos (SILVA, 2012).

A escolarização de alunos com autismo deve ser feita criando um ambiente mais normalizador. As orientações de ensino são baseadas em ajustes nos estilos de ensino seguidos de intervenções educativas, de acordo com Mello (2007). Além dessas

orientações de ensino, é importante destacar algumas das etapas pelas quais os professores passam ao trabalhar com alunos autistas nas escolas: medo, rejeição e desafio. Estes são resumidos abaixo.

Medos: Querem saber como ensinar, como falar com as crianças, o que fazer se uma criança chorar ou ficar chateada. Sentem que é algo desconhecido, um sujeito que não formaram e, por isso, não têm certeza de que podem atender às suas necessidades (SILVA, 2012).

Negação: às vezes acham que essas crianças deveriam ser entregues a especialistas, não sabem que com amor próprio, persistência e alguns elementos simples e práticos podem fazer uma grande diferença (SILVA, 2012).

Desafio: Em muitos casos, os professores indicaram desde o início que acreditavam que as crianças com autismo em sala de aula poderiam ser um desafio e uma oportunidade para aprender e facilitar seu desenvolvimento (SILVA, 2012).

Em suma, é uma tarefa que exige dos participantes a criatividade, a flexibilidade das suas ações e a capacidade de enriquecer o seu trabalho com uma atitude positiva. Intervenções educativas adequadas são fundamentais para melhorar a qualidade de vida das crianças com autismo, conforme observado por Mello (2007): crianças com autismo apresentam graves dificuldades de aprendizagem.

Portanto, para utilizar com sucesso as diretrizes de ensino, os professores devem adotar uma atitude tolerante e respeitosa com as diferenças individuais, especialmente para a educação de pessoas autistas. As vantagens superam as desvantagens. Chiote (2013) concorda que as diretrizes de inclusão educacional alcançam melhores resultados quando os professores se tornam profissionais mais reflexivos e críticos, capazes de trabalhar juntos e investigar ativamente aspectos de sua prática e propor ideias de melhoria.

Ou seja, os professores não devem ser atores que impõem decisões passivamente aos outros, mas devem buscar sua contribuição em cada experiência particular de sua

participação voluntária em sala de aula, de modo a evitar ignorar suas possíveis interpretações de abordagens de resolução de problemas; de aceitar ou rejeitar as regras, desde participar como parte de uma equipe de especialistas até evitar compromissos por completo.

Em sala de aula, apresentam comportamentos inusitados: masturbação, náuseas, apego a corpos adultos, faltar às aulas, etc., que atrapalham o desenvolvimento da estrutura mental e bloqueiam a conexão com o meio. Além disso, em alguns casos, pode ocorrer hipersensibilidade visual e auditiva.

Nem tudo é difícil para as pessoas com autismo porque elas têm habilidades que surpreendem e confundem os adultos: têm boa memória visual, alto nível de atenção aos detalhes, habilidade para fazer música e desenhar, habilidade para usar dispositivos, computadores, etc. Cabe ressaltar que, para facilitar suas possibilidades antecipadas, o ambiente deve ter uma estrutura previsível e fixa, evitando ambientes mal definidos e confusos, a antecipação é essencial para que a novidade ou a mudança não os sobrecarregue. Da mesma forma, para promover a retenção da atenção, recomenda-se que os alunos fiquem próximos ao quadro-negro e ao professor em sala de aula para evitar possíveis distrações no ambiente (SILVA, 2012).

Ao utilizar as tecnologias de informação e comunicação (TIC), é necessário considerar que os computadores são um elemento de aprendizagem ativa, implicando um importante reforço para o desenvolvimento da aprendizagem. O uso de computadores no campo da educação tem vantagens importantes, pois muitas vezes são um meio de gerar motivação intrínseca, que cria atração e estímulo. No entanto, eles devem ser adequadamente instruídos por seus professores para estimular bons processos cognitivos (SILVA, 2012).

RESULTADOS

Para integrar efetivamente alunos com TEA e outros com determinadas características e facilitar sua aquisição de conhecimentos científicos, é necessário investigar formas específicas que facilitem sua participação em atividades de ensino e

aprendizagem. Ao compilar os dados, podemos perceber que o processo de inclusão de pessoas com autismo requer um esforço significativo dos educadores na mediação da aprendizagem e inclusão do aluno (Vygotsky, 2010). As interações são entre os pares no processo de socialização, e é por meio dos adultos que as crianças participam de suas atividades.

Já para o autor GAUDERER, PRAÇA (2011), os professores precisam conhecer seus alunos, os fatores de avaliação e suas necessidades particulares, como sua singularidade, a fim de delinear um plano instrucional adequado que atenda às suas necessidades, pois nem sempre o diagnóstico proporciona aos educadores as pistas para a ação. É o professor quem introduz os alunos no espaço escolar, portanto, para Sant'ana(2005). A formação conduz à implementação e aplicação de conhecimentos, métodos e práticas para identificar e satisfazer as necessidades educativas de todas as crianças, com ou sem deficiência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da pesquisa, foi de analisar alguns dos desafios educacionais da inclusão de crianças com autismo na sala de aula regular. E constatar que a integração no ambiente escolar é amparada por leis e estatutos que garantam os direitos desse aluno, obrigando a oferta de serviços especializados e recursos diferenciados para que o aluno tenha acesso a escolas e programas que levem em consideração sua singularidade e particularidades, proporcionar apoio e aprendizado necessários para seu desenvolvimento em um ambiente igualitário.

Concluiu-se que as políticas públicas voltadas para a inclusão e manutenção do aluno com autismo na educação evoluíram ao longo do tempo e com as necessidades encontradas no sentido de proporcionar uma educação inclusiva e de qualidade que integre o autismo com as demais pessoas com necessidades especiais, estejam em pé de igualdade. No decorrer da evolução, as pessoas com autismo passaram a ser classificadas legalmente como deficientes, passaram a ser amparadas por leis que antes não lhes serviam porque não eram classificadas como deficiência, era um transtorno global, então alunos com autismo começam a ter direito a receber educação especializada na rede formal de ensino, com suporte adequado às suas necessidades.

Por fim, mencionei os desafios encontrados no processo de integração ao meio ambiente escolar. Para alcançar a verdadeira inclusão, não basta acolher os alunos, é preciso também aprender, interagir e sentir-se pertencente ao ambiente escolar e, para isso, é necessário que a comunidade escolar trabalhe no sentido de conhecer e compreender o que é o autismo. Os professores não devem ser os únicos responsáveis pela inclusão dos alunos, as escolas precisam trabalhar juntas como uma comunidade escolar, pois as parcerias são vitais para o desenvolvimento dos alunos. É preciso buscar diariamente informações e capacitações para que todos, como sociedade, possam incluir essa pessoa, como preconiza a lei, garantindo todos os seus direitos com gentileza, respeito e dignidade, compreendendo suas dificuldades, o que muitas vezes é necessário para a intervenção de profissionais capacitados de áreas externas para melhor atender este serviço.

REFERÊNCIAS

- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION - APA. **Diagnóstico e estatística de transtornos mentais: DSM-5**. Alegre: Artmed, 2014.
- ASSUMPÇÃO JUNIOR, Francisco Baptista e KUCZYNSKI, Evelyn. **Autismo: conceito e diagnóstico. Autismo infantil: novas tendências e perspectivas**. Tradução. São Paulo: Editora Atheneu, 2015. . . Acesso em: 06/06/2023.
- BANDIM, José Marcelino, 1961 -**Autismo: uma abordagem prática**- Recife: Bagaço, 2011 (1ª Edição).
- Carvalho, A. M. P., Oliveira, C., Sasseron. L. H., Sedano L., & Batistoni M. (2011). **Investigar e Aprender Ciências**, 5 volumes, São Paulo: Editora Sarandi.
- CHIOTE, F. de. A. B. **Inclusão da Criança com Autismo na Educação Infantil: Trabalhando a mediação pedagógica**. Rio de Janeiro: Wak Ed, 2013.
- CUNHA, M. S. **Ensino da língua portuguesa na perspectiva da inclusão do aluno cego no nível fundamental**. 2015. 173 f. Dissertação (Mestrado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Sergipe. 2015.
- GAUDERER, E. C.; PRAÇA, E. T. P. O. **Uma Reflexão Acerca da Inclusão de Aluno Autista no Ensino Regular**. 2011.

- MELLO, Ana Maria S. Ros de. **Autismo: guia prático**. 5ª ed. São Paulo: AMA. Brasília: CORDE, 2007.
- ORRÚ, Ester Silva. **Autismo: o que os pais devem saber?** – 2. ed. – Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011.
- RODRIGUES, Janine Marta Coelho; SPENCER, Eric. **A Criança Autista – Um Estudo Psicopedagógico**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2010.
- SANT’ANA, Isabela Mendes. **Revista Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 10, n. 2, p. 227-234, mai/ago. 2005.
- SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Mundo Singular: entenda o Autismo** / Ana Beatriz Barbosa Silva, Mayra Bonifácio Gaiato, Leandro Thadeu Reveles. Rio De janeiro: Objetiva, 2012.
- TEIXEIRA, Gustavo. **Manual do Autismo**. Rio de Janeiro: BestSeller, 2016.
- Vigotski, L. S. (2010). **A questão do meio na pedologia** (M. P. Vinha, trad.). *Psicologia USP*, 21(4). (Trabalho original publicado em 1935).
- SANTOS, Ana Maria Tarcitano. **Um desafio na alfabetização e no convívio escolar**. São Paulo: CRDA, 2008.
- VALLE, T. G. M.; MAIA, A. C. B. e **Comportamento Humano**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.
- CUNHA, M. S. **Ensino da Língua Portuguesa na Perspectiva da Inclusão do Aluno Cego no Nível Fundamental**. 2015. 173 f. Dissertação (Mestrado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Sergipe. 2015.